

Aula 4

TECNOLOGIAS NA AULA DE INGLÊS: PANORAMA HISTÓRICO

META

Apresentar o panorama histórico do uso de tecnologias na sala de aula de línguas estrangeiras, com foco no ensino de inglês.

OBJETIVOS

Reconhecer a evolução e os usos de recursos tecnológicos no ensino de Inglês; identificar resistências do professor com relação ao uso de tecnologias em suas aulas.

PRÉ-REQUISITOS

Conceituar tecnologias, hipertexto, multimodalidade, multiletramentos e relação tecnologia e sociedade.

Ana Flora Schlindwein
Paulo Boa Sorte

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a),

Depois de refletir sobre os conceitos de tecnologias, hipertexto, multimodalidade, multiletramentos e relação tecnologia e sociedade, começamos, agora, a adentrar o universo do ensino de Inglês com o uso de tecnologias.

Como você sabe, ainda não tivemos disciplinas específicas sobre o ensino de Inglês. Embora vocês já tenham entrado em contato com disciplinas da área de Educação de forma geral, esta é a primeira oportunidade – dentre tantas que teremos – de discutir o ensino de inglês e toda complexidade que o envolve. Aliados a questões de ensino estão os usos dos recursos tecnológicos que, desde sempre, fizeram-se presentes na educação, seja por meio do caderno ou quadro de giz, seja pelos dispositivos móveis tão presentes em vários setores da nossa sociedade atual.

Uma retrospectiva histórica do uso de tecnologias para ensinar e aprender línguas estrangeiras irá nos ajudar, nesta aula, a entender que esses recursos sempre estiveram presentes para auxiliar os professores em suas tarefas cotidianas. Ao longo da história, professores de inglês sempre tiveram algo a dizer a respeito da inserção de tecnologias na educação. Por vezes, mostraram-se realizados e motivados; outras, mostraram-se resistentes, incrédulos e desconfiados. Perceberemos que, chega um dia em que os recursos tecnológicos deixam de ser estranhos na aula e passam a ser naturalizados, como é o caso, hoje, do livro didático ou do aparelho de som. Cabe a nós, lançarmos olhares questionadores com relação ao seu uso e entender, historicamente, como a tecnologia vem sendo uma importante aliada no desempenho do nosso ofício. Vamos começar? Bons estudos!

O livro é um dos mais antigos e, ainda hoje, um dos recursos tecnológicos mais utilizados nas aulas de inglês. Entretanto, como toda tecnologia, não foi aceito logo de imediato. De acordo com Paiva (2015), ele sofreu os mesmos problemas que hoje são gerados pela introdução do computador em nossa sociedade: era muito caro e sua propriedade era privilégio dos detentores do poder, o Estado e a Igreja. Voltaremos aos problemas da resistência às tecnologias mais adiante. Antes, porém, vamos tratar dos formatos que o livro e os demais recursos tecnológicos inventados ao longo da história já possuíram, e como eles foram sendo ressignificados.

Antes de possuir o formato do livro tão conhecido na atualidade, Paiva (ibid) afirma que os textos eram registrados no volumen, um rolo de folhas de papiro coladas em torno de um pedaço de madeira ou osso, como podemos ver na imagem abaixo:



<http://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2012/10/pergaminho.jpg>

Segundo a autora, a palavra *volumen* é derivada de *volver* e significava a propriedade de enrolar. Ler, no *volumen*, significava desenrolar o manuscrito e, caso o leitor quisesse retornar a um trecho lido anteriormente, deveria enrolá-lo até localizar o trecho.

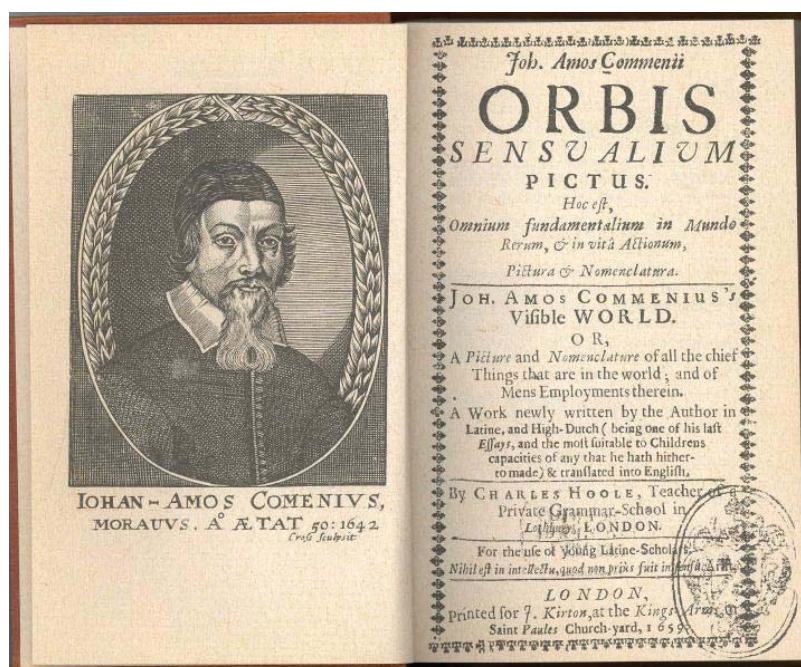
O livro, na concepção a que estamos acostumados hoje, começou a tomar forma com a criação do *códex*, que “era feito com pergaminhos, pedaços de pele de animal, geralmente de carneiro, ou com folhas de papiro unidas por uma costura. A escrita nos dois lados da página passa a ser horizontal, e as páginas são viradas e não mais enroladas” (PAIVA, 2015: 22-23). A imagem abaixo traz o exemplo de um *códex*:



<http://users.manchester.edu/FacStaff/SSNaragon/Kant/LP/Readings/Darnton.html>

O códex foi o precursor do formato do livro como conhecemos hoje. Segundo Braga (2013, p. 30), “o leitor podia correr mais facilmente o texto virando as páginas e tinha as mãos livres para fazer anotações no próprio texto ou sobre o texto enquanto lia” – uma nova tecnologia que facilitou bastante a consulta e as práticas de estudo.

No ensino de línguas, os primeiros livros foram as gramáticas, escritas e impressas na época medieval. Na ocasião, apenas o professor tinha posse do livro. A primeira notícia que se tem do seu uso pelo aprendiz data de 1578, uma gramática de hebraico do Cardeal Bellarmine, que possibilitava o estudo sem o professor (PAIVA, 2015). Infelizmente, não há imagens registradas dessa gramática. Já o primeiro livro ilustrado que conhecemos é o *Orbis Sensualium Pictus* de Comenius (Imagem 3), um livro de vocabulário ilustrado, publicado em 1658 para a educação infantil (ibid).



<http://www2.uned.es/manesvirtual/Historia/Comenius/OPictus/OPictusAA.htm>

Juntamente com os livros, as tecnologias de áudio e vídeo ofereceram (e ainda oferecem) enorme contribuição aos professores de línguas: os primeiros trazem, além de ilustrações, os registros da forma escrita do idioma que se aprende, apontamentos, exemplos e exercícios; já as segundas são indispensáveis para o contato do aprendiz com a forma falada da língua alvo e com imagens de situações reais – ou artificiais – de comunicação, seja em diálogos, seja em atividades de compreensão oral, canções etc.

Paiva (2015) explica que as primeiras máquinas reproduziam apenas o som, depois apareceram projeções de imagem e, só mais tarde, equipamentos que projetavam imagem e reproduziam o som ao mesmo tempo. As primeiras aulas de inglês com o uso de tecnologias em áudio foram com o fonógrafo, inventado por Thomas Edison, em 1878 (imagem 4 abaixo).

Em 1902 e 1903 surgiram os primeiros materiais didáticos gravados em áudio, produzidos pela International Correspondence Schools of Scranton, que traziam livros de conversação, acompanhados pelos cilindros de Thomas Edison.



<https://megaarquivo.com/2011/03/11/2608-proximo-post-ideias-antigas-ideias-fixas/>

Já as primeiras grandes produções para o ensino de inglês de que se tem notícia foram realizadas pelos estúdios Walt Disney, nos de anos de 1930 (KELLY, 1969). Eles fizeram os primeiros cartoons para o ensino de inglês e deram início ao uso de filmes para o ensino de línguas, produzindo a série intitulada *The March of Times* (PAIVA, 2015).

Mais de 20 anos depois, no final dos anos de 1950, o primeiro modelo de laboratório de línguas foi criado (imagem 5). Eram cabines individuais e isoladas de onde os alunos não possuíam contato com outros alunos nem com o professor. Nelas, podia-se gravar a sua fala, ouvi-la e compará-la com a voz de falantes nativos, disponíveis em seus gravadores. Esse modelo de laboratório, tanto por ser muito caro quanto por não promover a interação entre os alunos – resultando, portanto, numa interação artificial ou nos moldes de uma ligação telefônica – não obteve muito sucesso e a sua eficácia na aprendizagem foi bastante questionada nos meios acadêmicos. Isso porque a visão de ensino-aprendizagem de línguas que se conseguia promover com o uso desses laboratórios era focada em estruturas de linguagem descontextualizadas e na criação de hábitos automáticos e de repetição. Atividades em pares e/ou em grupos eram praticamente impossíveis.



<http://bu.furb.br/fotos/FURBIdiomas/>

Os modelos mais recentes dos laboratórios de línguas (imagem 6) confundem-se com os laboratórios de informática. Cada aluno tem acesso a um computador com fone de ouvido, ligado à internet ou a programas e aplicativos direcionados ao ensino de inglês. Além dos desktops, tem-se falado também na aprendizagem com o uso de dispositivos móveis, em inglês MALL (Mobile Assisted Language Learning). Smartphones, iPads, iPods, MP4 players etc, a depender de como são manejados, podem conduzir a uma aprendizagem de línguas ubíqua, isto é, possível a qualquer hora e em qualquer lugar.



<http://www.fiskasasul.com.br/quero-ser-fisk/fisk-taguatinga-norte/>

Antes do computador, vale lembrar que o rádio e a televisão foram veículos que os professores e a escola tentaram utilizar na difusão do ensino de línguas. No entanto, eles não tiveram o impacto que se esperava. Isso porque a sua principal característica é a transmissão em tempo real, e isso oferece enormes dificuldades em se adaptar aos horários das escolas. Contudo, a televisão tomou nova dimensão quando passou a ser usada

para a visualização de vídeos gravados, que são a fazer parte do material didático das grandes editoras, pouco a pouco migrando para CD-ROMs e DVDs (PAIVA, 2015).

Mas é a internet que se apresenta como uma das ferramentas mais relevantes nos dias atuais quando o assunto é aprender uma língua. As redes sociais e a difusão das mensagens em suas mais variadas formas de representação, isto é textos orais e escritos, imagens, sons, desenhos, fotografias etc, estruturam a comunicação entre os usuários e podem se tornar grandes aliadas na aprendizagem de línguas de forma geral, e do inglês em particular. Para Santaella (2013), essas redes acabam por funcionar como plataformas sociais, dada a facilidade de intercomunicação dos usuários por meio dos recursos proporcionados por tais serviços. É que além de favorecer a circulação, as mídias sociais abrem espaço para a criação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas, instaurando, assim, a cultura participativa. Nada melhor que um ambiente como este, em que práticas sociais de linguagem ocorrem todo o tempo, para que se promovam reflexões e se coloque em atividade as línguas a serem aprendidas.

Vários pontos positivos podem ser mencionados, segundo Santaella (2013: 321), sobre o uso de redes sociais como o Facebook para a aprendizagem. A sua pesquisa apontou que:

- a) Essa plataforma pode dar suporte às atividades de administração dos cursos, aumentar a provisão de informação e recursos aos estudantes, assim como motivá-los e engajá-los por meio da interatividade e colaboração.
- b) Estudantes deram feedback positivo sobre as vantagens do ensino on-line.
- c) As relações acadêmicas melhoraram tanto no nível doméstico quanto internacional no que diz respeito a discussões acadêmicas gratificantes que beneficiaram os estudos e promoveram a capacidade crítica.
- d) O Facebook beneficiou os alunos ao permitir a visibilidade dos problemas comuns da aprendizagem e o reconhecimento por parte dos professores dos desafios que o programa apresentava aos alunos.

Alguns pontos negativos também foram lembrados pela autora. Há limitações e riscos em seu uso:

- a) Sempre lembradas são as questões relativas à propriedade intelectual, privacidade, perseguição e cyberbullying.
- b) O Facebook estimula a distração.
- c) Não revela diferenças significativas a comparação entre os resultados escolares obtidos por estudantes que usaram o Facebook e os que não usaram. Entretanto, esses resultados dizem respeito

apenas à performance individual e não ao potencial da plataforma de trazer outros benefícios educacionais aos estudantes (SANTAELLA, 2013, p. 322).

A autora conclui que não há aprendizagem sem certa dose de esforço mental e mesmo físico envolvidos, mas esse esforço pode ser distribuído e compartilhado. O caminho da emancipação intelectual é sempre árduo, tanto para alunos quanto para professores, mas também pode ser divertido.

O problema é que, quando uma nova tecnologia surge, age-se com desconfiança e logo se rejeita. Você lembra que, no início desta aula, dissemos que retomariamos a questão da resistência às tecnologias? Pois é. Chambers e Bax (2006 apud Paiva, 2015) explicaram que, quando surge uma nova tecnologia, a primeira atitude é a de desconfiança e de rejeição. Aos poucos, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e a escola acaba por incorporá-la em suas práticas pedagógicas. Após a inserção, vem o estágio da normalização, definido por Chambers e Bax (2006 apud Paiva, 2015) como um estado em que a tecnologia se integra de tal forma às práticas pedagógicas que deixa de ser vista como cura milagrosa ou como algo a ser temido.

São sete os estágios pelos quais passamos até a normalização das atividades de ensino de línguas mediado por computador (BAX, 2003 apud PAIVA, 2015). Conforme podemos perceber no quadro abaixo:

Estágio 1	Os primeiros adeptos aparecem e alguns professores e escolas adotam a nova tecnologia por curiosidade.
Estágio 2	A maioria das pessoas ignora a tecnologia ou demonstra ceticismo.
Estágio 3	As pessoas experimentam, mas rejeitam diante dos primeiros obstáculos.
Estágio 4	Tentam outra vez porque alguém os convence de que a tecnologia funciona e aí conseguem ver vantagens relativas.
Estágio 5	Mais pessoas começam a usar a nova ferramenta, mas ainda existe medo ou expectativas exageradas.
Estágio 6	A tecnologia passa a ser vista como algo normal.
Estágio 7	Integra-se em nossas vidas e se torna invisível, normalizada.

Quadro: Estágios até normalizar atividades de ensino, segundo Bax (2003)

Fonte: Paiva (2015, p. 31)

Retomando a discussão sobre o processo de naturalização debatido na aula 3, se por um lado certas pessoas sentem grande dificuldade para usar os terminais de autoatendimento, outras, por sua vez, que já naturalizaram o seu uso. Para Paiva, no Brasil, o computador já atingiu o estágio da normalização nos serviços bancários, pois ninguém se lembra mais de que os terminais eletrônicos são, na verdade, computadores. Já na educação convivemos com vários estágios. Em alguns lugares, a tecnologia já se torna invisível, mas, na maioria dos contextos, ainda existe uma tensão entre a adesão e a rejeição (PAIVA, 2015). Esses processos não são homogêneos e dependem de uma série de fatores.

Nos dias atuais, o professor de inglês se vê em meio a novos escritos, como os *chats, feeds, links, posts, twits e hashtags*, e precisa se apropriar deles, pois as alterações ocorrem também nas práticas sociais. Como afirma Braga (2013: 40, grifo da autora), essas mudanças provocam uma “demanda social e não uma mera opção colocada para os indivíduos”. Para alguns professores, ela pode assustar e surge a resistência à apropriação desses elementos.

Tanto a resistência quanto a facilidade em fazer parte da sociedade tecnológica receberam, ao longo do tempo, a atenção de vários pesquisadores, que vêm buscando conceituar as relações que as pessoas estabelecem com a tecnologia. Saito e Ribeiro (2013) lembram que Van Tassel e Campion (1983 apud Saito e Ribeiro, 2013) denominaram de “tecnófilo” e “tecnofóbico” aqueles que, respectivamente, têm simpatia e resistência de adaptação à sociedade tecnológica.

Schlindwein (2014) explica que a resistência às tecnologias pode ser observada ao longo da história e é explicada, em parte, pela veiculação de discursos ditos extremistas, em geral pessimistas, sobre como o futuro da humanidade será transformado pela tecnologia. A maneira como as pessoas se apropriam das tecnologias depende, ainda, de fatores de cunho econômico, social e ideológico.

Nesse contexto, há ainda um dilema que o professor, mais especificamente, enfrenta, segundo Charlot (2012). Para que seja valorizado, ele deve dizer que é “construtivista”, isto é, as suas aulas devem ser dinâmicas, com o uso do computador e um discurso inovador. O autor explica que o discurso não condiz com as condições reais de funcionamento das escolas, pois ainda hoje, há instituições, inclusive, com banheiros precários. É uma contradição muito clara. Trabalhar com o ideal deve ser um dos princípios na formação docente, mas não se deve ignorar as condições reais de funcionamento das escolas. Elas são organizadas para as práticas ditas tradicionais, todavia o discurso do professor que lá atua deve ser, acima de tudo, inovador.

Por essa razão, concordando com Paiva (2015), não se pode afirmar que as escolas brasileiras estejam passando por um determinado estágio rumo à normalização do uso de novas tecnologias. Seria um discurso generalizador. Tem havido iniciativas governamentais, nos últimos 20 anos, que buscam

equipar escolas com laboratórios de informática, além da doação de computadores e *tablets* a professores e alunos. No entanto, nem todas as escolas recebem incentivos financeiros para isso. Em pesquisa sobre a formação do professor de inglês (BOA SORTE, 2014), foi constatada a existência de escolas que não receberam recursos materiais para as suas aulas – de inglês ou qualquer outra disciplina – estando os professores limitados ao quadro de giz. Em entrevista com um dos participantes, o autor perguntou quais recursos a escola em que ele trabalhava necessitava. Em sua resposta, o professor informou que não havia laboratórios de línguas, computadores, aparelhos de som, fones de ouvido, softwares, dentre outros.

Além de equipar escolas, professores e alunos com dispositivos digitais, é necessário oferecer formação para o acesso crítico aos múltiplos textos. Para além da doação de computadores, por exemplo, deve-se verificar como os cursos de formação são ministrados e se os professores são estimulados a participar deles. Os letramentos digitais são promovidos por dispositivos eletrônicos e programas juntamente com a reflexão e atenção às novas relações sociais que são promovidas a partir do uso crítico dessas ferramentas, da realidade da escola em que se trabalha e das concepções de ensino-aprendizagem de língua promovidas.

Como afirma Santaella (2013, p. 329), “desenvolver a capacidade de filtrar as surpresas, incorporando aquelas que são capazes de enriquecer nossa existência e as tarefas que nela desempenhamos, é uma das maiores fontes de aprendizado que levamos pela vida afora”. Nesse sentido, é preciso sempre inovar, arriscar, buscar novas ferramentas, novas ideias, “oxigenar” as nossas práticas e as escolas onde atuamos.

CONCLUSÃO

Nesta aula, fizemos uma viagem no tempo para entender como a tecnologia foi (e/ou continua sendo) utilizada para ensinar e aprender línguas estrangeiras. Vimos que o livro, na configuração a que estamos acostumados na atualidade, não surgiu de uma hora para outra. Ele foi sendo modificado e aperfeiçoado. A sua versão eletrônica já está disponível à venda nos dias atuais e ainda sofre resistência, se levarmos em consideração os estágios de Bax (2003) do estranhamento até a normalização. É importante, como futuros professores, que estejamos atentos à nossa relação com as tecnologias que vão surgindo. Estaríamos resistindo ao uso delas?



RESUMO

Vimos os formatos do livro em volumen e códex até chegar ao modelo que concebemos nos dias de hoje. Também tivemos acesso aos formatos dos primeiros livros para o ensino de idiomas, além das configurações de um laboratório de línguas. Atentamos para a internet como peça bastante fundamental no ensino-aprendizagem de inglês na contemporaneidade e, junto a ela, a resistência do professor frente às novas tecnologias que surgem na escola. Apresentamos os 7 (sete) estágios até a normalização das atividades de ensino de línguas. Eles explicam como resistimos frente ao desconhecido e como o contato com a novidade vai se naturalizando com as tentativas de utilizá-las.



ATIVIDADES

1. Antes de começar a fazer o curso de Letras-Inglês aqui na Universidade, você se lembra em qual estágio da atividade de ensino de Inglês com o uso de tecnologias a sua escola de Ensino Médio se encontrava? Identifique-a e discuta com base nos estágios de Bax (2003).
2. Agora converse com algum familiar, vizinho(a) ou amigo(a) que seja professor(a) ou alguém que seja aluno(a) no Ensino Fundamental ou Médio. Pergunte a ele(a) como as tecnologias são utilizadas nas aulas de inglês e o qual a opinião dele(a) a respeito desse uso. Identifique em qual dos estágios de Bax (2003) essa escola/professor(a)/aluno(a) se encontra com relação ao uso de tecnologias.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nem todas as pessoas passam, necessariamente, por todos os estágios até a normalização do uso das tecnologias. Algumas pessoas podem ter mais facilidade de uso e adaptação; outras mais dificuldades. Por isso, a atividade pede que você se observe e observe as pessoas que estão ao seu redor e o nível de resistência que cada um enfrenta ou se encontra. Ultimamente, começamos a perceber que as pessoas acima dos 60 anos não têm resistido aos smartphones tanto quanto pudéssemos imaginar. Perceba que muitas pessoas dessa geração têm acessado as redes sociais e os aplicativos de mensagem instantânea com a mesma (ou até maior) frequência que os mais jovens. De certa forma, mais cedo ou mais tarde, as tecnologias que surgem e chegam a nos assustar, acabam por se tornar indispensáveis para muitas tarefas que desempenhamos no cotidiano.



AUTOAVALIAÇÃO

Ao final desta aula, sou capaz de discutir a evolução das tecnologias no ensino de línguas ao longo do tempo? Entendo as (in)utilidades de um laboratório de línguas para o processo de ensino-aprendizagem? Consigo perceber em qual estágio se encontra a inserção de uma tecnologia na sociedade e, principalmente, em uma aula de inglês? Se mesmo lendo e relendo a aula, as dúvidas persistem, não hesite em procurar ajuda da tutoria.



PRÓXIMA AULA

Continuaremos focados no ensino de Inglês e o uso de tecnologias. Desta vez, fazendo um panorama, também histórico, das abordagens, métodos e técnicas de ensino de línguas estrangeiras e o papel das tecnologias na concretização de estratégias de ensino. Você vai gostar!

REFERÊNCIAS

- BOA SORTE, **A graduação em Letras-Inglês como formação contínua: desfazendo unilateralidades**. 150f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP, São Paulo-SP 2014.
- BRAGA, D. B. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.
- CHARLOT, B. A mobilização no exercício da profissão docente. In: **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro-RJ, n. 13, v.1, jul.2012, p. 9-25.
- KELLY, L. G. **25 centuries of language teaching**. Rowley: Newbury, 1969.
- PAIVA, V. L. M. O. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras. In: JESUS, D.M.; MACIEL, R.F. **Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente**. Campinas: Pontes, 2015, p. 21-34.
- SAITO, F. S.; RIBEIRO, P. N. (Multi)letramento(s) digital(is) e teoria do posicionamento: análise das práticas discursivas de professoras que se relacionaram com as tecnologias da informação e comunicação no ensino público. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v.13. n.1, 2013, p. 37-65.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: representações na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHLINDWEIN, A. F. **You tell stories, we click on them**: Ciberliteratura(s) e novas experiências na criação de histórias. 227f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2014.

